

MÁRIO MOREL

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 19/08/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Meu nome é Mário Morel, nasci em 27 de março de 1937, em Santos, São Paulo.

Quais eram os nome e as atividade dos seus pais?

Meu pai chamava-se Edmar Morel, era jornalista. E mamãe era prendas do lar. O papai, a vida inteira foi jornalista. Antes, durante a pré-adolescência dele, no Ceará, ele queria fugir com a Revolução de 1930, mas não conseguiu. Aí ele fugiu com o circo. Depois, ele entrou para o jornal, onde ficou até o resto da vida.

Qual era o nome da sua mãe?

Aurora.

Conte um pouco mais sobre Edmar Morel e sobre a influência dele na sua vida.

Papai influenciou todos nós, porque era uma constante na vida dele. Estava sempre com o jornal e os amigos. Quando eu tinha quatro ou cinco anos de idade, ele fez umas reportagens sobre o [Percy Harrison] Fawcett, um explorador inglês que desaparecer. Ele localizou uma tribo onde ele passou e teria sido assassinado. Na volta, ele vinha com os filmes e os rolos de gravação, sofreu um acidente e se arrebentou todo.

Nós morávamos no Edifício Amapá, na rua Paissandu, esquina com a [rua] Senador Vergueiro. Então, de repente - eu, garoto fedelho de cinco anos -, tivemos nosso apartamentinho de sala e quarto invadido. Quem era da [Agência] Meridional? O Carlos Lacerda. Ele vinha: "Quem é esse?" "É o Mariozinho!" Então, eu me criei nesse ambiente. Acho também que ele me forçava um pouco, ele me levava nas redações, eu conheci aqueles jornalistas antigos. Eu fui muito de freqüentar, como meu filho Marco [Morel], que também foi jornalista por muito tempo e agora é

historiador. O Marco também ia para a redação, conversava. Eu fui culpado, porque a redação de jornal não era bem a dele, sabe. A gente forçou um pouco. O negócio dele é história, pesquisa; a gente o confundiu um pouco. Mas a influência foi do papai, o Marco fez a revisão de todos os livros dele, o livro de memórias foi ele que brigou para editar, o sobre a Revolta da Chibata, o Marco também fez a releitura. Enfim, o Marco se ligou muito mais a ele do que eu. Eu sempre fiquei no jornal, e você cai na vida, vai rodar bolsa [risos]. O Marco já era estudante e ficou muito ligado a ele, ficava junto o tempo todo, enfim. Ele influenciou a minha filha Mônica, que trabalha na TV Globo, que também foi para o jornalismo. Os outros filhos, influenciou um pouco. O Marcelo faz política e gosta disso, mas o outro não; é advogado e não quer nem ouvir falar de política. Eu tenho outra filha, que é professora e mora em Ilhéus [BA]. Então, houve muita influência do papai sim.

Quais são as reportagens mais marcantes do Edmar para você?

Olha, teve a do [explorador inglês Percy Harrison] Fawcett, em que ele descobriu o assassino, o índio que o teria matado. Ele teve uma muito interessante, na época da guerra. Faltava leite e era dosado para a população, não se podia comprar leite, enfim. Então, ele descobriu uma égua no jôquei que dava 20 litros de leite por dia. Então, eles foram para o *Diário da Noite* - um jornal mais de oposição, não tão linha dura (porque *O Jornal* era do [Assis] Chateaubriand, ninguém mexia, ninguém escrevia nada e o *Diário da Noite* não). O Chateaubriand dizia que ele era "o selvagem". E aí ele abriu: "Égua farta de leite". Acontece que a égua era do Morvan [Dias de] Figueiredo, ministro do presidente Dutra e amigo do Chateaubriand. Ele fez também, que me marcou, o livro sobre a Revolta da Chibata. Aquilo foi marcante, porque ele foi cassado por causa disso. O período em que ele começou a fazer muita reportagem n' *O Cruzeiro*, eu era muito criança. Quando foi passando o tempo, a gente foi fazendo a filtragem, mas ficaram as amizades e as inimizades. É muito interessante isso: você herda isso, as pessoas que não gostavam do meu pai, também não gostavam de mim e eu não sabia. Depois que eu entendi isso, foi bom, porque eu entendi muita coisa. Mas até você entender, você se pergunta por que tanta agressividade ou [por que estão] cortando as chances que você tem na redação.

Trabalhei com ele duas vezes e não deu certo. Uma foi no [jornal] *Última Hora*, no tempo em que havia aquela campanha, aquela briga do Carlos Lacerda contra o jornal e contra o Samuel [Wainer], proprietário. E aí, ele é pai, tomava conta. Quando tinha uma briga de polícia, de Exército, depredação na Central [do Brasil], ele não queria. Mas não falava comigo, porque eu ia brigar. Ele falava com o chefe da redação: "Não manda o Mariozinho para isso não!" Eu protestava: "Mas não tem

ninguém na redação, tem que ser eu!” Aí briguei com ele. Trabalhei com ele só essa vez, eu acho. Depois ele me levou para trabalhar na *Revista da Semana*, ali na Lapa. Eu trabalhei lá quando tinha 16 anos, com o Gratuliano de Brito. A revista estava vazia não tinha ninguém e todo mundo dirigiu aquela revista: o Luiz Fernandes, o papai, o Joel [Silveira]. Ele [Gratuliano] me chamou para trabalhar lá e me botou no canto, assim, na ponta da redação, e ele lá na outra ponta. Era meio escuro, eu fiquei meio assustado... Daqui a pouco o doutor Gratuliano me dizia: “Mariozinho, venha aqui.” Levantei e atravessei aquilo tudo. Ele disse: “Eu vou te ensinar a primeira lição do jornalismo.” Aí eu fiquei emocionado: “Pois não, doutor.” “Quando você sair de uma sala que estiver com a luz acesa, você apaga primeiro.” [risos] Fiquei lá na *Revista da Semana*, depois fui para a *Última Hora*, depois para a [revista] *Manchete*. Eu posso estar fugindo um pouco das datas, mas depois a gente acerta.

Antes de você falar de cada uma dessas experiências, você falou que herdou as amizades e as inimizades do Edmar. Quais histórias você se lembra que o Edmar contava sobre as pessoas com quem ele conviveu? Ele conviveu com o Chateaubriand, com o Joel Silveira e outros grandes nomes do jornalismo brasileiro. Quais são as histórias que mais te chamaram atenção dessas relações dentro do jornalismo?

Em relação ao Chateaubriand, o papai tinha uma certa tristeza, uma certa mágoa, porque o Chateaubriand adorava ele, o levava para cima e para baixo. E o Chateaubriand tinha um inimigo dentro do jornal, o Victor Espírito Santo, que foi demitido. Houve um almoço de solidariedade e o meu pai não foi, porque estava viajando. Quando ele voltou, o Chateaubriand chamou um por um que foi no almoço e que assinou uma lista, e disse: “O seu nome está aqui.” “Doutor Assis, o senhor sabe que eu não fui, porque eu estava viajando.” “Eu sei que você não foi, mas eu quero que você retire o seu nome daqui da lista, negue apoio ao Victor.” “Não posso fazer isso, doutor Assis.” Disse ele que o Chateaubriand chorava, mas o demitiu. O Joel... Ele contava umas histórias engraçadas do Joel: “Imagina, o maluco do Joel, não sei o que...” Eu também trabalhei com o Joel e também conheço umas histórias muito loucas.

As pessoas que não gostavam dele [de Edmar Morel] - depois eu notei - eram da cozinha do jornal, porque ele achava que as matérias dele tinham que ser bem paginadas, tinham que ter mais destaque ou ele achava que tinham sabotado. Com esses, havia uma certa... Mas ele nunca falava isso. Havia um ou dois que ele não gostava mesmo. Ele se aborreceu lá com um - o papai era muito estourado - e disse: “Fulano, venha aqui.” Aí ele pegou uma tesoura e cortou a gravata dele. Esse

depois ficou meu amigo ou dizia que era, mas... Ele não era assim de marcar o nome: "Fulano é meu inimigo." Ele era muito aberto.

Mário, você começa muito cedo no jornalismo. Você disse que começou na Revista da Semana com 16 anos. Como era o jornalismo naquela época? Em que medida é diferente do que se faz hoje?

Em várias coisas. Primeiro, não tinha mulher nas redações. Na *Última Hora*, uma vez, apareceu uma mulher, aí a gente se reuniu: "Que negócio é esse? Vai ver que ela é do Partidão [Partido Comunista Brasileiro]. Vai ver que é namorada de não sei quem..." Não. Ela era uma profissional que foi trabalhar lá. E, em segundo, a redação era muito anarquizada, muito bagunçada. Não era essa coisa asséptica que é hoje, com essas baias de computadores. Era uma zona, a gente jogava bolas de papel, gritava. No tempo do meu pai era mais ainda, porque no *Diário da Noite*, por exemplo - o diretor era o doutor Austregésilo de Athayde - eles faziam muita bagunça. No fundo, o doutor Athayde gostava deles. Ele ria e o Chateaubriand gritava, ficava louco. Um dia, o doutor Athayde foi na redação com o Chateaubriand e - não sei porquê - tirou o paletó. Olha, o que eles fizeram... Todos eram profissionais. Eles fizeram um rabo de papel e colocaram no paletó do doutor Athayde. Ele saiu na frente e, quando o Chateaubriand viu, ele gaguejava: "Doudou-tor A-thay-de, bo-bo-ta-ram um rabo de burro no senhor. Foram esses moleques, eu vou fechar esse jornal!" [risos] Isso era o retrato das redações na época: a gente jogava muito papel, bola, passava trote um para o outro, passava graxa na mesa do telefone, essas coisas infantis. Hoje não, nem morto! Hoje é um ambiente de trabalho, os jornalistas são mais bem remunerados; naquela época todo mundo tinha bico, tinha um emprego aqui e outro ali. Mas eu gostava, sempre me dei bem. Eu fiquei só lidando com os mais velhos, talvez por causa do nome, era filho do Morel. Então, os mais velhos me arrastavam para cima e para baixo. Mas também o fígado estoura, porque eram todos cachaceiros, você ia tomar pinga, essas besteiras. Eu gostei muito, a experiência foi muito boa, você aprende muito, porque ali, não tem conversa: você saiu, tem que fazer cinco matérias; não saiu as cinco, o cara chama sua atenção, te dá um esbregue na frente da redação. Então, você tinha que fazer cinco matérias, não tinha esse recurso de computação, não tinha nada! O telefone não funcionava... Nesse tempo, foi onde eu mais trabalhei. Depois eu trabalhei na *Última Hora*. Em revista, você faz uma matéria ou duas. Eu reclamava que eles me exploravam na *Manchete*, eu fazia duas matérias e pronto. Eu fazia na *Manchete* uma seçãozinha assim: "As próximas reportagens: no próximo número, o repórter Mário Morel vai falar sobre não sei o quê..." Aí um cara falou: "Pô, só vai ter as suas matérias?" "Então, faz você, vocês não querem

fazer...” Era tudo muito solto. Tinha o Nelson Rodrigues, que também participava das molecagens - isso na *Última Hora* - a gente brincava sempre. Ele fazia a coluna dele catando as letras... tum-tum-tum... E quando, ele levantava para ir ao banheiro, a gente sentava e escrevia mais duas linhas e ficava todo mundo quieto. Ele voltava e continuava escrevendo em cima das duas linhas. Esse ambiente era o que tinha e o que não tem mais. Eu não sou saudosista, mas na época era bom por causa da minha idade. Era assim e pronto, mas acho melhor trabalhar direito.

Essa Revista da Semana era a mesma que existia desde o início do século, lá no JB [Jornal do Brasil]? Ela ainda existia na década de 50?

Era aquela, ainda existia. Não sei se ela era do JB, não sei a origem.

Talvez ela não fosse mais do JB, eu acho.

Existia pelo menos o nome, o título. Eu não sei qual era a origem, eu só sei que era do doutor Gratuliano de Brito, que foi interventor na Paraíba, depois da Revolução de 1930. E ele era muito conhecido - na época, nem tanto, essa gente nem existia! Depois, ele colocou o Ernesto Geisel como secretário de Fazenda. Então, na época, em 1956 ou 1957, imagina se a gente ia se preocupar se um milico foi ou se não foi... isso não existia. Eu não sei por que o Gratuliano Brito ficou com a aquela revista. Ele foi do CADE [Conselho de Desenvolvimento Econômico]. E a revista não deu certo, não tinha nada de moderno, eram três ou quatro matérias que a gente fazia. De repórter, só tinha eu e o Alberto Jacob, que foi chefe da [seção de] fotografia do JB. Ele ficava indignado quando o Gratuliano: “Vai lá no Kennel Club, porque tem uma exposição de cachorros, eu quero que vocês façam uma coisa bem humana com o cachorro.” “Sim, senhor Gratuliano.” Lá em baixo, ali na Lapa, a gente ia pegar a condução - era ônibus, não tinha esse negócio de táxi não - a gente dizia: “Esse maluco, cachorro humano, eu nunca vi!” [risos] E também o meu pai, quando me colocou lá, disse assim: “O Mariozinho fala inglês e francês!” Eu não falava nada, só fiz inglês no colégio. Apareceram uns jornaleiros que ganharam concurso nos Estados Unidos para vir ao Brasil - uns garotos que venderam mais jornais numa cidade, essas maluquices dos Estados Unidos - aí fui eu. “Meu Deus do céu! Eu não posso dizer que o meu pai mentiu e nem eu quero perder o meu emprego.” Era o equivalente a mais ou menos 250 reais por semana. Cheguei lá e tinha um cara, eu pedi: “Me ajuda aqui.” E pronto! E depois veio a Geneviève Tabuis, uma jornalista francesa que fez sucesso por causa da Segunda Guerra. Ela fazia artigo, dizendo o perigo que Hitler representava para a Europa e para a humanidade. Era uma senhora de idade. Aí eu peguei o cara do hotel para ele me ajudar a entrevistá-la. Esse Alberto Ferreira [fotógrafo] ficava embaixo com a

máquina assim. Eu olhei e morri de vergonha, porque a mulher era uma senhora. Mas não tinha nada demais, ela estava com a perna cruzada. Eu falando e conversando, ela virou para mim e falou assim: "Esse rapaz aí gostou mesmo das minhas pernas." E o que eu ia falar? Não ia falar nada. Nesse período, era isso: eu fazia reportagem de polícia, o que eu gosto muito, gostava muito de reportagem de polícia. Eu acho mais quente, mais próximo do jornalismo, na época, a reportagem de polícia era a mais importante.

Na década de 50, tem aqueles casos de polícia muito famosos, assassinatos como o da Aída Cury, Sacopã... Conte um pouco sobre as coberturas policiais da época.

Eu peguei o da Aída Cury, eu estava já na [revista] *Mundo Ilustrado* (Joel Silveira era o diretor). Mas aí ele não agüentou o assunto, sei lá por que não agüentou. Antes, na *Revista da Semana*, a minha reportagem [do caso Sacopã] era assim: um turco rico, que era agiota, que morreu no morro... não era nada de importante. No *Mundo Ilustrado* foi onde eu fiz a minha grande reportagem de polícia – e depois você vê que era política também. Eu estava na redação, já era hora de ir embora e a gente era moleque, já estava doido para correr. A gente fazia concurso para ver quem conseguia sair mais cedo: "Vamos embora! Vamos embora! Vamos embora!" Cada um ia para um canto, ia beber, ia sair... Já estou saindo, quando entram dois caras muito mal ajambrados, mal vestidos, um jeito esquisito. Eu olhei e saí (porque em redação tem muito isso: aparecer o inventor - pelo menos antigamente. Eles iam muito na redação com um invento. Aí você tem que ouvir aquele maluco, dizendo como o modo contínuo dele vai funcionar, não sei o quê... Era um castigo!) Eu olhei para aqueles caras com cara de inventor e fui saindo pela tangente. Aí o Joel olhou assim: "Mariozinho, vem cá! Esses senhores são comerciantes e estão se queixando que são achacados pela polícia, que cobra uma caixinha deles. Eles querem denunciar e eu estou topando esse negócio. Vá com eles." Era quase fim da tarde e nós fomos para Botafogo. Tinha um policial careca que desceu do carro, foi lá dentro e voltou. Aí eles, muito revoltados - porque representavam um grupo -, correram e me arrastaram junto para o carro: "Tá preso, tá preso!" "Mas por que eu estou preso?" "Porque você está pegando dinheiro." Eu não via chegar um guarda... Tinha que ter alguém ali, não é? Por sorte, chegou um PM, aí o PM entrou e ele não podia engrossar. Mas ele ia engrossar mesmo, meteu a mão para puxar o revólver, imagina. Era um dinheiro enorme. Aí por causa disso, nós publicamos a matéria e aí começou a vir denúncia. Tinha caixinha em tudo que é delegacia, delegacia de economia popular. Tinha tudo que era dinheiro, dinheiro do bicho... ferro velho... Bicho e lenocínio era o mínimo.

Aí começou a vir denúncia, a gente publicando e a coisa cresceu. Foram as reportagens que a gente fez, denunciando a corrupção na polícia e o chefe de polícia caiu, na época. Aqui [no Rio de Janeiro] era a capital [federal]. Deu CPI, enfim, foi muita repercussão. Foi ali que eu deixei de ser o filho do [Edmar] Morel, porque fiquei muito famoso e dava entrevista toda hora. Eu dizia assim: "Meu Deus, eu só vou achar que essa reportagem ficou mesmo importante no dia em que eu aparecer no Repórter ESSO." O Repórter ESSO era do Heron Domingues, era 12:55 ou 12:05. Aí, um dia saiu: "O jornalista Mário Morel... e hoje cai o chefe de polícia." Aí eu digo: "Cheguei lá." De polícia foi isso, porque depois, com a CPI [Comissão Parlamentar de Inquérito], virou política. O Elói Dutra era muito amigo do meu pai e ia lá em casa. Aí eu fui no Elói: "Estou sendo seguido e os caras estão me ameaçando. Preciso cobertura, tenho que ter uma defesa." Aí o Eloi: "Vamos ver, vamos ver..." Eu entendi: "Não é por aí. Eles são governo, têm que fazer o papel deles, defender o governo". E a gente estava batendo no governo. Aí eu procurei o Carlos, amigo do meu pai. (Eu conheci o Carlos me ligando à banda de música). Expliquei [para Carlos] o que estava acontecendo "Estão criando uma comissão de inquérito e eu não vou ficar lá, apanhando. Tem que ter alguém para me dar cobertura". Aí eu lembro que o Carlos disse assim: "Tem um cara lá na comissão, muito bem mandado. Vou falar que você vai procurar por ele e ele vai te dar cobertura. Quando tiver rolo lá [na CPI], fica tranquilo que ele vai estar do teu lado." E lá fui eu procurar. Sabe quem era? José Sarney. Aí virou política. Tinha que virar, não podia deixar de ser, pois era para derrubar o chefe de polícia. Foi uma confusão danada. Eles até me seguiam mesmo. Eu morava ali, com meu pai e minha mãe, na [rua] General Glicério e saía de noite, ia pra boate. E eles seguiam mesmo. Um dia, eu ia trabalhar... ainda era bonde, olha que delícia! O Bonde tinha a parte de trás aberta. Eu ia de Laranjeiras até antes da Cinelândia. Lá eu descia e pegava outro, que subia pela [rua] Mem de Sá ou [rua] Riachuelo. Eu via os caras atrás de mim e dizia: "Ai meu Deus!" Às vezes, eu tinha bom humor, às vezes não. Esse dia, eu estava de bom humor e disse: "Vou perturbá-los." Aí apertei o passo e os caras apertaram o passo atrás de mim. Aí eu parei, virei pra eles e disse: "Ô companheiro, não perde seu tempo. Você quer ir no bonde comigo, não tem o menor problema. Estou indo para a rua tal..." Dei o nome lá da revista. Aí ele olhou para mim e disse: "Você sabe como é, não é?" [risos] De polícia foram essas que eu participei e que me marcaram.

E quando você vai pro *Última Hora* você continua fazendo...

De tudo, geral, polícia, tudo. O jornal estava com muita dificuldade, era pouca gente. Então, a gente fazia tudo, porque o jornal tinha que sair. E era vespertino

mesmo, quer dizer, você fechava o jornal onze e tanta, quase meio dia, e o jornal rodava até meio dia e pouca e uma hora ia para rua. Depois não, os jornais foram recolhendo e todo mundo virou matutino, fechando de noite. Mas nesse tempo era. Nessa época, quem fazia muita reportagem comigo, que ficou muito meu amigo, era o Evaristinho, Evaristo de Moraes, o criminalista. Nós fazíamos matérias juntos, morríamos de rir. Às vezes, seis da manhã, o [João] Etcheverry, que era o chefe, dizia assim pra gente: "Vocês têm que ouvir a cigana não sei o quê, arranja umas ciganas aí, porque hoje é sexta-feira 13." Essas coisas de jornal. Aí, a gente: "Claro, pode deixar." A mesa dele era bem perto e ele ficava de lá, olhando severo pra gente. E eu cochichava com o Evaristinho: "Arranjar uma cigana às seis da manhã, isso não tem sentido. O Etcheverry ficou maluco." "É, mas ele está olhando pra gente." Aí, a gente pegava o telefone e ficava: "Cigana Zoraia..." [risos] E inventava uma história, mas eu acho que ele sabia que a gente estava mentindo. A gente sentava e fazia as previsões todas, aquelas idiotices de que era sexta-feira 13 e o mundo vai acabar, tudo que era idiotice, e a gente colocava. E ficamos muito amigos nesse tempo. O Etcheverry foi um dos grandes amigos meus. Ele era um sujeito mais velho, foi do Partidão [Partido Comunista] e tomava conta do jornal com o Samuel [Wainer]. Até meu pai tinha um pouco de ciúme da relação, porque ele era como se fosse um pai pra mim. Uma vez, eu briguei em casa, não sei o quê, e saí. E fui morar no apartamento de um amigo, mas que não tinha cama, porque era uma *garçonnière*, mas ele: "Não, bota uma cama e fica." "Etcheverry, eu vou mudar para um apartamento, me empresta uma grana ou o jornal me dá um vale para eu comprar uma cama". Ele perguntou quanto era e eu disse. Ele perguntou: "Mas que cama é essa?" "É de casal, porque eu tenho uma namorada" E ele disse: "Não, Mariozinho, quando a gente tem uma namorada, tem que ser cama estreita, bem apertadinha, não pode ser cama de casal não."

Desse tempo do [jornal] *Última Hora* era isso, a gente tinha que fazer tudo. Correr atrás, fazer política, até eventualmente política, mas não matérias, artigos de política. Porque ele tinha aquele grupo ligado ao Samuel, um cobria o Catete, um cobria isso e aquilo, mandava para Minas. Tinha muito negócio de Minas. Enfim, o *Última Hora* foi isso, um faz-tudo.

Em que ano você entra no *Última Hora*?

Em 1955, eu acho.

O Etcheverry era uma pessoa central na redação?

Era, porque ele era tudo. De manhã, ele fechava o jornal e, de tarde, ele fazia o suplemento especial. Ele era um cara muito engraçado, uma vez ele resolveu brigar

com a família, pois arranhou uma francesa linda e maravilhosa e foi morar na França. Despediu-se da família... A família dele era muito legal, tinha participado das lutas dele do Partidão, essas coisas, ele era preso de vez em quando... Passaram-se três anos, num belo dia, a mulher dele estava em casa vendo televisão e ouviu um barulho na porta, era ele entrando: "Boa noite!" Então, tem essas histórias malucas... enfim. Mas para nós, o Etcheverry era uma coisa engraçada. Ele era muito amigo do Samuel [Wainer], ele segurou o jornal, porque havia uma campanha política para fechar o jornal, que segurava o Getúlio [Vargas]. Era louco de pedra, mas um belo jornalista. E dava aquele apoio ao Getúlio. Tanto que, quando o Getúlio se suicidou, o jornal estava quase fechando; é claro que o Samuel sentiu e entendeu e começou a rodar edições extras. Rodou mais de 300 ou 400 mil exemplares sobre a morte e vendia tudo. O povo ia para a porta do jornal na [rua] Presidente Vargas para pegar o jornal. Aí ele virou, mas depois não agüentou. Quando veio 1964, não deu mais e virou cineasta. O livro do Samuel [*Minha razão de viver*] é muito interessante, porque confirma aquelas coisas que o Carlos [Lacerda] falava da Bessarábia, do empréstimo do Banco do Brasil. Ele namorou a Danuza e ela ia para a redação, era um sucesso porque ela era vistosa. E tinha um contínuo lá que ficava cercado, ela não podia nem entrar com o Samuel [risos]. E ele sofreu muito também e a gente via aquela confusão, ele casava e descasava. E uma das mulheres que casou com ele, para ele não perder o apartamento, colocou no nome dela e, quando foi pegar... Enfim, essas histórias que se misturam com o jornal e que a gente, viveu, participou, quer dizer, viveu mais como escola de vida, eu diria, talvez.

Além do Etcheverry, você pega a época do Octávio Malta?

Octávio, pai do Dácio [Malta]. Peguei. Ele era do interior de Pernambuco, mas falava feito mineiro. Esse também o Samuel adorava, ele dava consistência biológica para o Malta. E tinha o Josimar [Moreira de Melo], eles iam trazendo todo mundo de Pernambuco. Ah, eu tenho também uma experiência com a *Última Hora* muito interessante. Logo que eu entrei, começou aquele negócio: "Faz isso e faz aquilo" e o Carlos [Lacerda] estava batendo muito, que o jornal era de comunista e que aquilo ia destruir o Brasil, não sei o quê, e fazendo intriga com a Igreja [Católica]. O cardeal D. Jayme de Barros Câmara gostava e tinha ligações com o pessoal do Carlos. Aí, o Samuel resolveu dar uma cobertura para o Congresso Eucarístico. Chamou o Paulo Silveira, irmão do Joel, que disse: "Samuel, o Congresso é daqui a oito meses, como é que vai dar cobertura agora? Não. Isso é política do Carlos." Então, está bom. Ele é o dono. Ele me chamou e disse: "Mariozinho, você vai cobrir o Congresso Eucarístico, nós vamos te dar carro e

gente, você vai chefiar uma equipe.” E eu tinha acabado de entrar no jornal. Eu tinha uma experiência da *Revista da Semana*, mas nada comparado àquilo ali. Eu disse que tudo bem que, para mim, estava ótimo. O pessoal disse: “Mas, Samuel, você está colocando um menino para fazer esta cobertura? Por que você está fazendo isso?” “Porque ele é sonso!” [risos] Lá fui eu me encontrar com o D. Hélder Câmara e o José Távora (era um bispo chamado Távora, ligado aos grã-finos e o D. Helder era do povo). Foi realmente muito interessante. Eu era um garoto e estava chefiando uma equipe com cinco ou seis pessoas. Era uma loucura! Uma vez, deu um rolo na redação quando morreu o [político russo Lavrenti] Béria. Eu tinha levado uma matéria em que o D. Helder disse assim “Haverá milagres na Praça do Congresso”. Quando o Samuel viu, disse que poderia virar manchete. (Nessa época, eu escrevia muito e já dava o título batido bonitinho: “Haverá milagres na Praça do Congresso”). E o Samuel mandou fazer. Só que tinha aparecido a notícia do Béria e o pessoal disse que tinha que tirar [a matéria]. O Samuel disse que não e foi uma crise no jornal, pois o pessoal: “O Béria, o Béria, o Béria...” E o Samuel: “Não. Depois vão dizer que o jornal é comunista!” Tem uma outra sobre esse negócio de comunista: havia um jornalista chamado Simão Moschkovich, ele fazia cobertura de boates, casas noturnas, essas coisas. Ele escrevia os artigos dele, mas quando ele resolveu assinar uma matéria maior, o Samuel teve um ataque: “Mas logo Moschkovich! Vão dizer que o jornal é comunista! Tem que mudar o nome!” Ele gostava do Simão, mas dava patada nele: “Vai ser agora que você vai mudar de nome.” Montalverne, virou Simão de Montalverne. Depois eu fui saber que o Simão era o pai de um cantor... Esse cantor é bem conhecido, o Zé Renato. Um dia ele foi ao programa *Sem Censura*, quando eu era o diretor, aí quando eu vi no release dele, eu me emocionei “O filho do Simão!” Todas essas histórias são pitorescas, engraçadas, mas te dão uma visão de como era a vida de jornal, política, umas coisas eram mesquinhas, outras não. Enfim, dão uma lição de vida muito boa, são importantes.

Essas acusações sobre a *Última Hora* ser comunista podem ter a ver com o fato de que as figuras mais importantes do jornal eram membros do Partido. O Etcheverry, o Malta e o Moacir Werneck de Castro, todos eram do Partido Comunista.

O Moacir Werneck de Castro fazia mais colunas, essas coisas. Eles eram pessoas de esquerda, que eram ligados ao partido. Mas o jornal comunista era *A Imprensa Popular*. Mas em jornal a gente costuma a aprender isso; eu já trabalhei com comunista, com integralista, com gente de direita, de esquerda. Na hora H, você tem que fazer direito o jornal. Os Diários Associados eram um exemplo disso,

tinham gente de tudo que é partido, mas você tinha que fazer o jornal. No jornal do Chateaubriand, nos Diários Associados, havia um repórter para cada político. Aquele repórter cobria só aquilo porque, se ganhasse, se ficasse no poder, era um contato bom para o jornal. Mas na *Última Hora*, o Samuel não tinha recurso para isso. O Jango [João Goulart] era do Theo; o Juscelino era aquele que depois foi para a [revista] *Manchete* (não estou me lembrando o nome dele); o Getúlio [Vargas], uma parte era o Luiz Costa e o próprio Samuel. O Samuel trabalhou nos Diários Associados, foi amigo do Getúlio e virou dono de jornal. O Chateaubriand tinha um repórter cobrindo cada candidato em potencial. E no *Diário da Noite*, não... No tablóide *O Dia*: "Gente, isso é uma tradição da casa, tem que ter uma pessoa acompanhando o político e não tem ninguém acompanhando o Carlos [Lacerda]!" Aí fiquei eu fazendo a matéria. O Carlos fez uma viagem de volta ao mundo, aí eu disse: "Tenho que ir, eu estou cobrindo!" [risos] Mas no jornal se aprende muito, é uma grande escola, outras profissões também podem ser, mas o jornal te dá liberdade. Você pode pensar o que quiser e se o dono do jornal não pensa, está bom! Ele pensa de um jeito e você pensa de outro, tem que se respeitar. O dono do jornal não pode obrigar você ser de esquerda ou não. Eu acho que a grande lição que eu aprendi foi a liberdade e a democracia. Redação de jornal é democracia. Antigamente, *O Globo* era o Roberto Marinho, hoje não, *O Globo* é aberto, vai contra as classes políticas e, de vez em quando, eles exageram contra o [Marcelo] Crivella, contra não sei quem. Sabe, eu acho que isso é importante, foi isso o que eu aprendi no jornal, eu gostei e gosto ainda do que estou fazendo.

Quando você entrou, a *Última Hora* era um jornal popular?

Era. As manchetes eram muito bem feitas, chamativas. Não era popular no sentido que *O Dia* fez, publicando lista de funcionário, aumento, essas coisas... Mas tinha uma seção sindical que era o De Paula, que era sargento, daquele movimento dos sargentos, não sei por que ele virou colunista. O jornal era popular, mas não tinha essa coisa d'*O Dia*. Agora acho que é o *Extra* que faz isso, publica relação de funcionários aprovados, essas coisas.

Qual era o ponto forte da *Última Hora*?

Quando o meu pai ainda era muito ativo na *Última Hora*, ele fez uma série de reportagens sobre os cárceres, isso o que até hoje tem: cem pessoas numa cela que cabem vinte, enfim. Ele pegou licença do Tancredo [Neves] que era o ministro. Tinha um nome bem forte e popular: "Os cárceres". Durante três dias, na primeira página, aquela gente toda, aquela mistura de 30 a 40 pessoas, mulheres... Isso é o que eu considero um jornal popular, se preocupava em fazer esse tipo de coisa. O

Globo, na época, jamais faria isso: abrir página com gente presa. Hoje até faz, mas na época não. Então, a linha era essa. E defendia essa linha nacionalista do governo de Getúlio e tinha uma série de questões que você podia enquadrar como um jornal popular.

Já havia divisão de editorias na *Última Hora*?

Agora você me pegou. Não, não tinha. Você tinha o repórter que fazia a coluna sindical, você tinha reportagem geral, mas não havia um critério, um editor responsável por um determinado setor. Não havia dinheiro para isso. Você tinha a reportagem geral: três ou quatro repórteres que se reportavam ao chefe de reportagem. Coluna sindical: entregava para a secretaria a coluna. Tinha o Segundo Caderno com um secretário, mas não tinha esse critério que tem hoje de editoria, esse conceito, vamos dizer.

O salário que a *Última Hora* pagava era maior que os outros jornais pagavam, não era?

Em alguns casos, no início. Esse foi um dos motivos da campanha dos Diários Associados, porque o Samuel começou com muito dinheiro e ele pagava bem mesmo. Ele mexeu nisso porque, antigamente, o jornal era isso: o cara ganhava pouco e tinha um bico, outro emprego. Ter jornal ajudava a emprego no Ministério do Trabalho, mas hoje em dia, isso não existe na cabeça de ninguém, mas naquela época, era normal, era usual isso.

Em que momento isso deixou de acontecer?

Não sei se foi de uma vez não, acho que foi deixando de acontecer. A [revista] *Veja* hoje paga bem, *O Globo* paga bem, então, não tem sentido isso, pode ser que tenha alguém da velha guarda ainda. Mas não houve uma ruptura hoje, foi indo, você começa a ter jornais e revistas que pagam bem, você prefere. Ninguém gosta de bico, de ficar correndo para aqui e ali, e o patrão do emprego público pede notinha... Mas existia isso, existia e muito.

Você estava lembrando essa série sobre os cárceres que o Edmar [Morel] fez. A *Última Hora* era um jornal feito para defender o governo, como ficava o jornal quando fazia essas denúncias que deviam incomodar ao governo? Como ficava entre a missão jornalística e a missão getulista?

Aquilo lá era uma realidade, os presos e tudo. Na hora em que o governo abre – o Tancredo era o Ministro da Justiça - e eles dizem: “O ministro autorizou...” Ele está dizendo: “Isso aqui está errado, a gente é contra isso e precisa mudar, mas como

vai mudar...” Aí estava a genialidade do Samuel: ele pegava essas coisas que poderiam ser de um jornal de oposição. Se a *Tribuna [da Imprensa]* e *O Globo*, que na época eram jornais de oposição, fizessem isso, seria contra o governo. Mas ele fazendo, não pode ser contra o governo, porque era o próprio jornal do governo fazendo. Então, eu acho que houve – não me lembro, pois eu era criança na época – um convencimento do Samuel com o Tancredo. O meu pai não ia chegar para o Tancredo e pedir autorização, eu acho que houve sim. Ou então, conversaram com ele, dizendo que o Tancredo era um cara que tinha noção das coisas. Acho que neutraliza por aí, como você hoje pode ter também, em outra situação, em outra escala, no programa que nós fizemos até 31 de julho: o *Espaço Público*. Era uma TV ligada ao governo e a gente discutia que a política econômica do governo estava errada e tinha um contraponto, tinha um cara dizendo que não. Se estava o [Michel] Temer na mesa, aí vinha o outro e chamava de liberal (esses xingamentos modernos). O *Globo* mesmo: hoje em dia, debate coisas que a gente não pode dizer que é contra o governo federal ou estadual, porque eles jogam os assuntos. Eu acho que é isso que dá credibilidade. O preço é esse: a controvérsia é não entenderem o que você faz, mas acho que vale, porque se o jornal ou a televisão não tiverem credibilidade, eles não vão ser vistos, não vendem, não recebem anúncios. A sobrevivência deles é isso. Mas na época não era. O sujeito não fazia determinada matéria porque “pode não agradar ao doutor Roberto”. Hoje, não existe isso. O sujeito faz, porque tem que fazer. Eu acho isso bom, essa nova geração vai usufruir isso.

Mário, depois da *Última Hora* você foi para a revista *Manchete*. Como isso aconteceu?

Quando eu saí d’*O Mundo Ilustrado*, eu fiz a campanha [da candidatura política] e depois eu fui para o *Diário da Noite*. Em 1959, já se chamava *Diário da Noite*, 1958 ou 1959... Depois de 1958, é por aí.

Explique a transformação que houve no *Diário da Noite* depois que ele passou a ter o formato de tablóide.

Acho que foi uma tentativa de modernizar, mas que não deu certo. De um modo, até hoje, tablóide não dá certo. Por causa, principalmente, da propaganda. Um anúncio de página inteira no jornal com o formato tradicional é um a coisa, custa X, e uma página inteira do tablóide custa um quarto de página. Então, as agências têm que fazer uma produção especial. E eu acho que não há cultura ainda de tablóide, porque os tablóides de Londres, por exemplo, eles são muito sensacionalistas. Aqui não tem tablóide sensacionalista, tem essa coisa do jornal

que você abre assim. E o tablóide, quando vem com muitas páginas, é difícil de ler. O *Jornal do Brasil*, atualmente, tem uma certa dificuldade de você ler e manusear. Então, lá foi isso: era um jornal verde enorme, sujava a mão, era uma coisa! E depois, eu não sei se foi logo em seguida, qual foi o tempo de um para ao outro, eu só sei que chamaram o [Alberto] Dines para editor do jornal; eu fazia o Segundo Caderno e o Calazans Fernandes era auxiliar do Dines no comando da redação. Eu falei da minha campanha, porque houve a campanha e quando o Carlos foi dar volta ao mundo, eu convenci os Diários Associados de eu ir acompanhando, porque era uma tradição do jornal ter um jornalista... Quando nós saímos de Taipé, na China, e chegamos em Paris, eu vejo o Dines no aeroporto: "Nossa, você por aqui!" "É, eu vim numa viagem, apareceu, não sei o quê..." Eu disse: "Mas o Calazans está lá?" "Não, o Calazans foi para Nova Iorque." "Então, nós três estamos demitidos, porque os caras que fazem o jornal, dois estão em Paris e um em Nova Iorque." Não deu outra, claro! Ele nos demitiu [risos]. E também aconteceu uma coisa muito interessante: quando eu arranjei a viagem, fui lá para pegar a passagem para viajar e ele disse (eu acho que era Varela o nome dele, era o rei dos Associados): "Mário, nós temos uma permuta com a Real Aerovias e tem aqui só a passagem de ida." "E como é que eu vou voltar?" "Ah, você é filho do Morel, é um cara esperto e safo, você vai conseguir!" E eu era tão irresponsável quanto eles, pensei: "Eu nunca vou ter uma chance dessas." Em 1960, eu tinha 23 anos, tinha acabado de nascer o [filho] Marco. Eu disse: "Tem razão, eu me viro, me dá, está bom meia passagem. Mas eu tenho que ter dinheiro. Me dá um cartão." Naquele tempo, havia um cartão que você passava as matérias pela Western ou pelos Correios, por telégrafo. "O cartão a gente te dá." Aí fui eu com o cartão e 500 dólares no bolso. Bom, eu me virei, eu voltei e estou aqui. Mas quando chegou em Paris, o dinheiro já não dava, eu pegava o metrô e tinha que correr para mandar as matérias, por causa do fuso-horário. E eles não mandaram mais dinheiro. Aí eu mandei um telegrama para eles, que eles tinham que pagar a conta. Eu botei: "Peço que mandem o dinheiro, porque, tendo em vista..." Escrevi umas cinco linhas. Passada a metade do dia e não veio o dinheiro, eu passava no Correio e mandava: "Lembro o telegrama que passei – eu repetia o telegrama inteiro – e acrescento que..." No fim de quatro ou cinco dias, o telegrama devia dar uma fortuna, aí eles mandaram o dinheiro: "Toma! E nós vamos cancelar o cartão." Voltei e continuei um pouco ainda no *Diário da Noite*. Depois eu trabalhei também na Rádio Nacional e na Rádio Mauá. Eu faço confusão com as datas, na Rádio Mauá foi antes, lá também aconteceu um episódio interessante. (Eu trabalhava na *Última Hora*, então, deve ter sido em 1955, antes da campanha.) O diretor da rádio [Mauá] era o Hélio Fernandes, acho que eu cobria [a seção de] Política ou cobria a

Assembléia Estadual, qualquer coisa dessa. O Hélio Fernandes foi demitido da rádio. Era o Napoleão de Alencastro Guimarães o Ministro [do Trabalho, Indústria e Comércio no Governo Café Filho]. Ele brigou com o Hélio e, em vez de chamá-lo e conversar que queria demiti-lo, ele não falou nada e demitiu o Hélio pelo Diário Oficial. O Hélio abriu o jornal e estava lá: demitido. Aí o que o Hélio fez? (Ele não recebeu o Diário ou ia sair, um coisa dessa burocracia). pegou um contínuo, esse contínuo mesmo, de repartição – um sujeito muito simpático, usava terno, cabelo assim – e o nomeou com data atrasada de quando ele ainda era diretor e nomeou o cara diretor. E aí começou aquela coisa de Brasil: o cara pediu aumento e não sei o quê... Eu estava na *Última Hora* e não agüentei, fiz matéria e escrevi: “o contínuo que é diretor.” Me chama muito a atenção essa irresponsabilidade com que se lida com essas coisas. Você não pode demitir um cara que você chama para ser diretor de um rádio – na época, a rádio era forte. O Hélio era um louco! Aquelas maluquices do Hélio... [risos] Eu fazia matéria sobre isso e o jornal adorava, porque essa turma do jornal – o Miranda, acho que ainda não era o chefe – estimulava e achava engraçado. Pulei da Rádio Mauá para a Rádio Nacional. Lá eu cobri a Assembléia [Legislativa] e quem fazia isso era o Júlio Louzada, aquela da Ave-Maria, uma figura calma. Ele continuava com a Ave-Maria, ele gravava e fazia o noticiário da Assembléia. Aí eu trabalhei no Estado, na assessoria de comunicação da COPEG, Companhia Progresso do Estado da Guanabara, que deu origem ao sistema financeiro do estado. Trabalhei um tempo lá, aí eu briguei, para variar... (Coisa horrível que eu tinha mania). Eu briguei e fui para a TV Rio, foi quando eu trabalhei com o Walter Clark. A TV Rio era boa mesmo, não era essa dos evangélicos não. Trabalhei ali em 1962 ou 1963, fizemos bons programas, mas foi a última vez que eu peguei um sistema de redação irresponsável, vamos assim dizer. Porque você tinha obrigações e compromissos financeiros pesados, não era anúncio de jornal, eram anunciantes. Eu me entrosei muito com o Walter, a gente ficava até tarde naquela boemia, fazia belas coisas, a gente fazia muitos bons programas. Foi uma época muito gostosa e foi o meu aprendizado de TV. Eu não sabia nada de TV, só tinha feito antes uns *freelancers* para o programa do Flávio Cavalcanti, num desses intervalos entre *Mundo Ilustrado* e *Manchete*, uma coisa assim. Ele fazia o concurso dos programas mais interessantes. Aí eu sugeri a ele que o apresentador ficasse sentado num dos ponteiros do relógio, um hora ficava assim, depois ia descendo... (Ele usou a minha idéia e não me pagou). Mas eu fazia também [programa de TV]: *Você já foi manchete*, já foi TV Rio. Era o Fernando [Barbosa Lima] que dirigia uma espécie de *Fantástico*, programa de variedades. Aí, por exemplo, o Pinheiro Machado foi assassinado por aquele maluco, e esse cara ainda estava vivo. Eu fui entrevistá-lo para o programa *Você já foi manchete*, o

cara foi manchete em determinada época. Eu fiz isso e vários outros quadros para o Fernando, ele pagava direitinho. Para aquele "rei da voz" que tinha um programa, uma coisa dessas.

Esse Fernando é o Barbosa Lima?

É ele, eu sempre tive uma relação gozada com o Fernando, a agência que ele tinha era a Esquire na [rua] Senador Dantas, onde tinha o Borjalo [Mauro Borja Lopes, cartunista] e uma porção de gente legal. Mas depois ele criou o [programa] *Sem Censura*, ele saiu e eu fui dirigir por oito anos, isso já em 1985. E também esse *Espaço Público*, foi ele quem criou esse programa, já em 2001.

Como era o Walter Clark?

Extremamente criativo, com uma capacidade de trabalho brutal, ele bebia como nós todos bebíamos, mas ninguém era alcoólatra, a gente bebia bem... Todo mundo casava e separava, era meio padrão. O importante ali, eu acho, é que era permitido criar. Eu vi isso um pouco na TVE [Rede Brasil], você podia criar coisas. Só que lá era diferente, você criava, mas tinha que... [interrupção] O Walter também tinha uma visão comercial, ele sabia o que podia vender. Ele não fazia uma coisa que não pudesse vender e também tinha a capacidade de organizar venda, todo esse esquema da TV Globo, essa montagem toda, a origem é dele. Nesse tempo, trabalhava o Haroldo Holanda, que fazia um programa com o Armando Nogueira, era: "Haroldo Holanda, o que fala de banda", uma coisa assim [risos]. Mas o Armando não gostava muito, ele ficava enrolando as coisas e o Haroldo batalhava, enfim. O Haroldo cercou o José Otávio [de] Castro Neves e outros que depois ele acabou levando para a Globo. Eu não fui para a Globo porque, na época, eu estava querendo fazer... Eu trabalhava numa revista chamada *Roteiro do Rio*, que era a programação da cidade, espaços de cinemas, bares, boates e tal. Mas quando começou a televisão, a revista tinha que ser mais encorpada e tinha que ter informações de São Paulo e eu não tinha capital para isso. Mas acho que isso não me influenciou em nada não. Eu tinha uma seção de fofocas, aí eu botei um dia que o Walter estava namorando a Ilka Soares. E o Walter: "Mário, você quer me matar?" "Mas por quê?" "Porque o ex-marido dela não sabe que ela está me namorando." A gente continuou amigo, mas a relação não foi mais a mesma. Eu me marquei como um cara que trabalha na TV, mas está de olho no jornal também, eu não sei... Aí depois eu acabei vindo bater na TVE. Foi quando eu encontrei o Walter, pois ele veio para cá em mil novecentos e noventa e pouco. Ele já tinha passado por toda a vivência dele de TV Globo e estava muito bem. Gostei dele, ele não estava querendo massacrar ninguém... Mas a meu ver,

ele cometeu um erro: achou que entendia de educação e não entendia, ele entendia de televisão. Resultado: ele partiu para montar um esquema de educação pela TV meio louco; o cara que bolou para ele foi do Mobral [Movimento Brasileiro de Alfabetização] e o negócio era quatro vezes o orçamento do Ministério da Educação. Como você vai mostrar para o ministro um projeto desses? Mas o que ele queria mesmo era *broadcast*, quer dizer, ele queria ficar em segundo lugar. Mas ele estava muito legal, não perturbava ninguém e, nessa época, eu estava numa época ruim, pois tinha brigado na TV e estava para escanteio. Aí, ele deu uma entrevista para [o jornal] *O Globo* dizendo: "Eu estou muito contente de ir para a TV Educativa, porque lá eu vou encontrar dois grandes amigos que eu não vejo há muito tempo: Mário Morel e Milton Coelho." O Milton estava em Londres e acabou virando superintendente de jornalismo, eu fiquei como superintendente informativo-cultural, era um nome que a gente inventou, que na realidade era o *Sem Censura* e mais uns quatro ou cinco programas que a gente fazia. O Walter estava... Quer dizer, eu acho que ele ainda tinha um pouco de amargura, pois o pessoal que sai da Globo, acho que nunca aceita ter saído, eu acho que é isso. Ele ainda tinha uns rompantes assim... o Walter menos, mas eu conheci um pessoal que trabalha ou trabalhou lá que tem um rompante: "Por que eu sou da Globo... Por que na Globo eu faço..." Isso não existe, eu acho que nem lá isso existe mais. A coisa é muito profissional. Mas foi boa a vivência com o Walter. Na TV Rio foi melhor, porque a gente era mais jovem, mais irresponsável em termos pessoais, era gostoso. Eu estava me separando e ele também, então, era interessante.

Mário, como era o programa na TV Rio?

Era um programa que, como tinha pouco dinheiro, a gente pegava, por exemplo, música: pegava um conjunto e gravava três ou quatro músicas, fazia a edição - edição essa que era o videoteipe a gilete: o sujeito cortava e botava a colinha [risos]. A gente gravava três ou quatro musicais com o mesmo conjunto, o mesmo cantor e fazia algumas entrevistas. Uma era o Néelson Rodrigues: ele sentava num banco e entrava ao vivo, e entrevistava uma atriz, falava aquelas coisas loucas. Um dia, ele pegou uma atriz não muito conhecida ou ex-vedete e foi falando da vida dela. Ela estava toda emocionada e ele falou assim: "Você se deitou, você fez o teste do sofá, senão você não estaria aqui." A mulher abriu a boca a chorar e o pessoal adorava... Quem dirigia [o programa] junto comigo era o Carlos Alberto Löffler, um gênio, um cara bom, ele era uma loucura para armar programa. Ele disse assim: "Olha, o Walter falou que o Tom [Jobim] está lançando uma música nova com o Vinícius [de Moraes], um negócio de garota não sei o que lá. Vamos fazer? Mas não tem ninguém..." "Eu vou, é claro." Eu adorava, ia em tudo, aí fui lá

eu com a equipe de som. Chegando lá, o Tom e o Vinicius iam mostrar pela primeira vez [a música] *Garota de Ipanema*. Eles já estavam bebendo, a gente se conhecia da Zona Sul. "Oi, Mariozinho, como vai?" "Vamos gravar?" Eu peguei o microfone e coloquei em cima do piano. Meu Deus, não teve som! Eles ficaram cantando e aquilo em cima do piano fazendo [imita um ruído]... Foi uma coisa horrível. Aí teve que dar um jeito, voltamos lá e gravamos em cima. Era uma maluquice assim, o programa era isso: variedades, que a gente repetia duas, três, sei lá. A parte ao vivo que era a do dia. A outra, às vezes estava cortando na gilete, se não dava, dava um jeito, esticava... E também tinha assim: a gente tinha que fazer uma grande entrevista: "Ah, vamos fazer com o Chico Anysio?" "Vamos!" O [Carlos Alberto] Löffler dizia assim: "Vai falar com o Chico." Acho que ele trabalhava na TV Rio. "Por que você não fala? Todo mundo é amigo." "Não, não, ele vai cobrar." "Mas ele vai cobrar de mim também, não é?" "Mas você é amigo da família." (Eu conheço a família dele, é de Laranjeiras). E lá ia eu: "Chico, sabe como é... eu vim aqui para chorar o preço, porque o Löffler está dizendo..." "Ah, mas estão me explorando..." Eu entrava no jogo: "Quebra o galho, é só desta vez..." Era aquela chorumela, mas acabava acertando, ele dava uma entrevista. Aí era uma grande entrevista, com uma pessoa conhecida. A gente fez com o D. Hélder e várias outras pessoas. O programa ia bem, eu não sei se tinha uma grande audiência, mas dava certo, isso é que era importante.

Você já tinha trabalhado com o Nelson Rodrigues na *Última Hora* e voltou a trabalhar com ele na TV Rio. Como ele era fora do ambiente de trabalho da redação? Você chegou a conviver com ele?

Não, eu fui à casa dele muitos anos depois. Na crise dos 40 [anos], eu fui morar em Búzios [risos]. Quando voltei, fui fazer uma seção de livros e fui fazer uma entrevista com o Nelson, a gente não se via há muito tempo. Mas na redação, na época da *Última Hora*, eu não frequentei a casa dele nem nada. E na TV, ele ficava lá, sentado, normal, coçava a cabeça... E o pessoal provocava: "Nelson, não sei o quê... mulher gosta de apanhar..." Ele falava besteira, era muito agradável, mas, na hora [do programa], sentava no banco e fazia direitinho o tempo que a gente combinava. A gente nem editava, porque era ao vivo. Era um banco assim, não era banco de praça, era um banco de madeira. Eu gostava, pois o programa era muito simples e ele era um cara que sabia tirar das pessoas, sabia arrancar, ele arrancava, entendeu, ia, ia, ia... A gente combinava: "Vê se faz chorar hoje, pelo menos no meio do..." E ele fazia a pessoa chorar, ele tinha um jeito muito bom, ele era intenso. Na redação, ele ficava falando aquelas maluquices e a gente adorava perturbar o Nelson. Ele fazia aquela coluna, *A vida como ela é*, e ele botava todo

mundo da redação: o Mário Pinheiro, o Pinheiro Junior, colocava a gente... Ele era simpático!

Você ficou um tempo fora das redações e depois foi para a *Tribuna da Imprensa*, em 1984?

Não, em 1985, eu peguei a morte do Tancredo [Neves].

Então, você volta justamente no período da redemocratização, a eleição e morte do Tancredo. Você era editor de política, não é? Como era a situação da *Tribuna* nessa época?

Era livre, não tinha mistério nenhum não. O Hélio [Fernandes] "pai" queria só saber sempre qual era a manchete, mas a manchete era o editor do jornal que fazia. O Helinho também, mas ele não estava ainda assentado lá dentro, ele dizia: "Fala com o papai." O Hélio sempre acompanhava isso. Mas em matéria não, não tinha nem recomendação, colocava só o que estava acontecendo realmente. E quando o Tancredo morreu, foi aquilo mesmo, normal. Logo depois, me chamaram para a TV Mulher, para dirigir o [programa] *Sem Censura*, que já existia. O programa estava sem muita credibilidade, anarquizado, muito esculhambado e a gente arrumou tudo direitinho. Falando hoje, ninguém acredita. Estava assim, por exemplo: a pessoa que apresentava era uma senhora e ela não lia, ela não aceitava o *teleprompter*, achava um absurdo a gente escrever um texto para ela ler. Ela era uma advogada, amiga do doutor Gilson [Amado]. Vi aquela maluquice toda. O programa começava assim: tinha quatro debatedores - era demais para um programa de duas horas, era uma loucura isso - aí dizia assim: "O que você viu hoje?" "Ah, vi isso assim na rua, não sei o quê..." E contava uma história, cada um dizia o que queria, um esculhambava o governo, outro esculhambava... Isso e mais o que ela [a apresentadora] falou davam vinte minutos. A partir de então, começava o programa. (Aí, o presidente da época montou um dos esquemas mais livres que a gente teve. Era muito criativo e todo mundo reconhece isso. Inclusive Roberto Parreira tinha programa lá; agora ele está em Brasília). Era uma maluquice isso: como é que eu vou fazer um programa em que a mulher não lê? Não tem sentido. Aí ele disse: "Não. Ela é antiga aqui." "Mas não vai dar, Roberto". "Então, vamos botar duas [pessoas]?" "Duas é pior ainda! Eu vou fazer o seguinte: vou fazer o texto e vou mandar ler. Se ela não ler, vou tirá-la do programa. Está bom assim?" "Está tranquilo." Aí, na mesma hora: "Eu não leio *teleprompter*." Hoje, a gente conta isso e acha graça... [risos] Na época, eu era muito alterado e disse: "Pronto, acabou, você está fora do programa!" "Mas quem vai apresentar?" "Eu me viro aqui." Aí alguém apresentou ali na hora. Eu tinha que me impor, porque era uma

TV onde o pessoal não ligava, tinha muito pessoal da velha guarda sem ter o que fazer e dando palpite, e eram intocáveis: fulano, beltrano, cicrano... Tanto é que o programa *Sem Censura* foi criado pelo Fernando Barbosa Lima para dar o que fazer a mais de 20 pessoas que não tinham o que fazer lá dentro. Eu peguei esse pepino e disse: "Se não fizerem direito, vão sair e pronto". Então, eu tive muito problema de inimizade, pois tirar o vídeo de uma pessoa, você arranja inimigo para o resto da vida. É igual a chamar uma mulher de gorda: acabou! Mas eu tirava assim: primeiro, eu conversava: "Não está dando, você está fazendo tal caminho..." E quando começava a perturbar muito... Naquele tempo - hoje eu reconheço - precisava me afirmar. Em segundo, tinha que fazer direito. Graças a Deus, deu certo. Eu tive a Gilse Campos, que eu coloquei como apresentadora; depois a Lúcia Leme. Depois veio a interferência, entrou gente que se meteu, gente que se afastou, enfim. Eu ainda dirigi a Márcia Peltier com o Walter, mas depois ela saiu. Aí voltou a Lúcia no tempo do Walter. Não sei com quem veio a Lêda Nagle, mas aí eu já não estava mais no programa. Eu acho que a Lêda Nagle faz muito bem o programa, ela é uma boa jornalista. Mas enfim, foi um programa muito marcante para mim, porque ali eu me afirmei como profissional, eu mantive uma posição: era isso ou era aquilo. E o programa passou a ter o que eu queria: credibilidade, ele tinha que ter credibilidade, não interessava a audiência. O que uma TV estatal, pública, faz com a audiência? Nada, não vão aumentar o teu salário, a tevê não ganha mais, não fatura. Numa empresa privada, se você tiver audiência, todo mundo ganha mais, a empresa e você. Eu dizia: "Gente, não adianta, a gente tem que ter credibilidade, não adiante audiência, para quê?" Eles acabaram se convencendo e, na época, eu tomei como norma fazer ao contrário tudo o que existia na TV: os cenários eram escuros e eu fiz claro, não ia ninguém da TV Globo, porque diziam aquele negócio: "Imagina alguém da Globo aqui..." Aí chamava o cara da Globo, pedia licença, eles concordavam e se entrevistava o cara que fazia novela e não sei o quê. Ainda tem um pouco disso. Hoje eu não faria isso, mas, na época, para uma emissora que precisava se afirmar, ser conhecida, você pegar um ator da Globo para falar de novela ou do livro que ele lançou, eu achei que era válido. Hoje eu tenho outra visão. Fazia aquilo e era um sucesso o programa, a gente fazia chororô também. Ia não sei quem que contava uma estória horrorosa... Hoje, eu... Nesse [programa] que eu fiz agora, o *Espaço Público*, era política pura, economia, finanças, não tinha chororô não. A Lúcia [Leme] até reclamava um pouco que não tinha emoção. "Que emoção? Política não tem emoção não!" [risos]

Com tanto tempo de TVE, qual a sua avaliação da experiência da emissora como uma TV pública?

Não existe ainda tevê pública, não existe. Tenta-se fazer, mas até agora, eu não vi; só se consegue fazer parcialmente. Por exemplo, o programa do [Alberto] Dines, *Observatório da Imprensa* é um programa típico de TV pública. Agora, em agosto de 2008, estão lançando o programa *Lá e cá [De lá pra Cá]*, do Anselmo [Góis]. Esse é de TV pública. Então, nesses anos, a experiência que eu vi é que se fala muito em fazer TV pública, mas na hora fazer, não faz, porque o governo – todos os governos – diz: “A gente vai pagar para ser esculhambado?” A visão é essa mesma: eles vão pagar para ser esculhambados. A BBC de Londres tem programas com entrevistas *hard casts* – não sei se o nome é esse. Mas é duro, o cara vai e aperta mesmo. E o sujeito se defende. Então é isso. Mas, é claro, não tem coisa pessoal. E tem que ser duro para ter uma TV pública. No Brasil não tem mentalidade para isso, infelizmente. Todo mundo fala que vai fazer, mas não faz, se faz um ou dois programas e está bom. Aí você fica com uma grade com quatro ou cinco programas. Como um todo, eu ainda não vi até hoje. É difícil se fazer, no Brasil, com essa mentalidade que nós temos.

Você pode definir o que é ser jornalista?

Eu nunca pensei nisso, porque, quando eu comecei, eu era garoto. Ser jornalista era um emprego, eu precisava trabalhar e pronto. Mas será que tem tanta transcendência assim em ser jornalista?

Então, o que é ser um bom jornalista?

Aí melhora. Mas eu não penso em ser jornalista como uma missão, uma coisa assim transcendental. É uma profissão como outra qualquer, mas é claro que passa por certos compromissos, passa pela ética, compromisso de você esclarecer, mostrar para as pessoas. Mas eu não consegui até hoje uma definição mais transcendental. É uma profissão como outra qualquer, em que você tem obrigações com o público, tem que ter. Mas aí que está: até que ponto o jornalista, esse ser, consegue fazer cumprir essas regras, essas posturas? Às vezes consegue. O bom jornalista é o cara que tenta fazer estas coisas, que tenta sempre conseguir: esclarecer as pessoas, mostrar o que está acontecendo. Mas também eu não gosto do jornalista que tenta fazer a cabeça das pessoas. Em cinema, você tem aquele Oliver Stone, que fez o filme sobre o assassinato do [presidente americano John] Kennedy que pega um fato qualquer e... não podia o tiro entrar por ali e repete cinco, seis, sete vezes para aquilo entrar na sua cabeça. Então, eu acho que o jornalismo não pode ter a preocupação de fazer a cabeça das pessoas. Eu também não acredito em jornalismo isento e nem acho que o jornal deva ser isento não. Eu acho que o jornal tem que ter a opinião que tem e, você que não gosta, não

compra. “Ah, esse jornal é governista... Esse jornal é de oposição...” Não compre, ninguém é obrigado a comprar. Então, eu acho que o bom jornalista é esse que consegue fazer o melhor possível as coisas que ele quer, esse ideal de informar, de esclarecer. E o ser jornalista assim, é muito vago.

E como você avalia uma iniciativa como essa, de resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Acho isso sensacional, importante “pra burro”. As coisas vão passando e nem todo mundo faz um livro de memórias. Não havia isso de estar gravando [os relatos] e acho muito bom passar para todo mundo com um mínimo possível de edição – edição nesse mau sentido, eu falei brincando. Passar para esse pessoal que está vindo fazer para eles verem... Alguns certamente vão contar relatos de sofrimentos, de dificuldades, outros talvez não. Enfim, eu acho muito importante para o pessoal que está vindo, que está chegando na profissão porque – às vezes tem isso – fica um pouco romanceado. Sabe, acho que fica uma aura assim e não: é uma profissão como outra qualquer, mas que tem certos compromissos. Então, eu acho importante para essa geração que está vindo ver como era antigamente, como é que os outros faziam, as dificuldades. Acho bom isso, muito bom, devia ter mais. Vocês estão de parabéns!